

Até Que a Morte nos Separe

Até Que a
Morte nos
Separe

David Correia

Autor: David Correia

Design da capa: David Correia, Edições
Correia, com recurso ao programa Canva

ISBN:

© Publicado pela Bookmundo, todos os
direitos reservados

A ti Inês, a pessoa mais guerreira que conheci, tudo em ti sempre foi e será amor. Cada palavra é tua, cada sentimento é o nosso, cada ternura será sempre guardada no meu coração.

Aos teus pais por simplesmente fazerem-te existir e terem comprovado que o mundo é diferente quando se têm um bom coração.

Aos meus pais, os meus pilares, os que me apoiam a cada segundo das suas vidas.

Ao Diogo, à Rita, ao Bruno Scot, por me aturarem nos bons e nos maus momentos.

Aos meus amigos.

A todos os que lidam comigo diariamente no trabalho, em particular ao Tiago.

A ti, que vais ler este livro fantástico.

Obrigado por sempre acreditarem em mim.

Com amor,
David Correia

Talvez o amor para muitos seja das piores coisas que pode acontecer, para outros, é das melhores. Neste caso, para mim foi a melhor.

Passei por muito na vida, confesso. Entre lágrimas e um rosto em constante sofrimento, ninguém daria sequer cinco euros por mim.

Este era eu, há dez anos, com cem quilogramas carregados no corpo, com marcas negras de todos os dez intervalos que tinha diariamente. Acalmava a comer doces enquanto fumava o meu cigarro, desabafava, a escrever.

Depois de uma ida urgente para o hospital, com o tempo, comecei a perceber que a vida não é feita de perfeições, que cada pessoa é como é mas acima de tudo, que deveria deixar o suicídio de lado e começar a fazer mais por mim.

Emagreci, decidi tirar o meu décimo segundo ano e depois, ingressei na universidade. Com o tempo fui mudando, comecei a cuidar mais de mim, a amar-me e a respeitar-me tal como sou, afinal, o primeiro passo para sermos bem-sucedidos no amor é mesmo este.

Depois de ter tentado ser feliz no amor durante vários anos, conheci a Inês, que

apesar de já não estarmos juntos (em breve vão perceber o porquê), foi e é o grande amor da minha vida.

Conheci-a na internet, confesso que logo na primeira vez fiquei rendido. O rosto dela fechado, a vontade de quase a ver sorrir nas fotografias, o detalhe que percorria cada parte do seu corpo. Nesse dia fiquei logo com vontade de lhe falar, mas não consegui, não estava suficientemente bem psicologicamente para lhe mandar um simples “olá”.

Certo dia, numa saída entre amigos, decidi parar de pensar nela por um segundo, ganhei coragem e enviei a primeira mensagem de todas as nossas vidas. Passávamos horas a conversar e sinceramente, até amávamos.

Com o tempo ficamos amigos e aquela Inês, acabou por ser muito mais que uma simples amiga, ganhei coragem, disse-lhe que a amava e afastou-se.

Durante esse tempo tentei lutar pela minha felicidade, mas mais uma vez, ou saía magoado ou então simplesmente era descartado como se fosse um pedaço de papel quando o atiramos para o chão. Lembrava-me muito dela, mas não podia fazer nada, tinha-se afastado porque

simplesmente não queria dar esperanças de algo que podia ou não acontecer.

Mais tarde, voltou e com ela voltaram as nossas conversas intensas e interessantes, de como se algo tivesse renascido novamente.

Encontramo-nos pessoalmente, conversamos e pela primeira vez na vida vi o seu sorriso, o seu brilho constante, a sua forma de ser.

Logo de caras, disse-me que estava paralisada do braço, que tinha um tumor na cabeça, mas que amava viver, amava sair com os amigos, amava ir aos escuteiros auxiliar em tudo o que fosse preciso, simplesmente apesar das suas limitações físicas, gostava de ajudar e de sentir-se útil.

Falávamos de tudo, desde a conversas sobre nós, até às fofocas que ela gostava tanto de dizer, e eu, simplesmente amava passar horas e horas assim, a seu lado, a sorrir como um doido, mas ao mesmo tempo feliz, como um simples apaixonado.

Mais tarde, no segundo encontro, o tal beijo inesperado aconteceu e a palavra mágica, aquele amo-te, saiu com a maiores das intensidades que jamais poderíamos imaginar, era um dos fortes, mas sincero.

Entre os amo-te e aquela sensação que ela tinha em deixar-me para não magoar, decidimos escolher o amor.

Um amor intenso, único, que passava de dois corpos colados enquanto se beijavam, os olhos fechavam como se fosse algo instantâneo.

Mas queria muito uma coisa, que era simplesmente assumi-la como namorada e fazê-la a pessoa mais feliz do mundo. Pediu-me um anel e dias depois já o tinha, até teve direito aquelas explicações que muitos de vocês acham lamechas, mas afinal o que é o amor se não for assim? Ouvi o tal sim, sincero e dito com o maior sentimento possível, do nada surgiu aquela sensação de borboletas na barriga misturado com o calor dos nossos corpos que admitiam que ali estavam duas almas que se amavam, que era naquele preciso momento onde deveríamos estar e lá estávamos nós, nas traseiras de um quartel dos bombeiros, abraçados, emocionados, com o anel colocado nos nossos dedos. Foi tão bom sentir o sangue a percorrer as veias de cada dedo até chegar ao anel e voltar para o coração, nem imaginam o quanto felizes estávamos.

A saudade apertava cada vez mais os nossos corações e as duas vezes por semana que

estávamos juntos estaria quase a ser insuficiente, mas era bom sentir a saudade e matar todo esse sentimento sempre que nos encontrávamos. Naquele preciso momento senti-me feliz e realizado.

Tudo isto para mim estava a ser novo e sentir aquela sensação de ser tratado como um príncipe e de a tratar como uma princesa, seria como se estivéssemos a viver um conto de fadas, onde a compreensão seria o pilar da nossa relação.

Prometi-lhe ficar, cuidar, amar e respeitar, prometi nunca a deixar e estar sempre do seu lado na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até que a vontade de Deus fosse afastar-nos fisicamente e manter o amor unido espiritualmente. Confesso que não tinha receio, se fosse a vontade dele simplesmente teríamos de respeitar, pois, nascer, crescer, viver e morrer é a lei da vida. Além disso não iria deixar de a amar, mesmo que morra primeiro que ela.

Para além de tudo isto tinha um medo enorme de que o seu estado de saúde piorasse, começou por dizer-me que teria de ir ao Porto fazer uns exames com urgência, mas mais tarde, disse-me que afinal o seu estado de saúde tinha piorado e que o

melhor seria simplesmente acabarmos a relação.

Naquele momento, o relógio parou, o coração derramava-se em sangue, as lágrimas pareciam rios, o meu mundo tinha parado completamente naquele preciso momento, tudo em mim tinha acabado de morrer.

Pela minha vontade, conhecia os pais, dizia todas as minhas intenções com a sua filha e continuava a cuidar dela, dando-lhe momentos mais intensos até ao seu último suspiro. Mas não permitiu que isso tivesse acontecido, sinceramente, acho que nem percebeu que tinha passado a fumar e a beber mais, que estava numa de desistir e desta vez era demasiado a sério. Cheguei ao ponto de colocar uma arma carregada, bem na nuca da cabeça, mas não podia disparar, por mais que quisesse, por mais que a vontade fosse essa, não achava correto fazer-lhe isto nem às pessoas que mais me amam. Sinceramente nem até aos dias de hoje consigo perceber até que ponto irei aguentar, mas de qualquer das formas, o nosso planeta e a nossa pomba está bem marcado no meu braço e mesmo que tudo isso aconteça irá para sempre comigo até me

tornar em osso, dentro de quatro tábuas de madeira a apodrecer.

Cheguei a ouvir que era só uma rapariga, mas sabia que as coisas não eram assim, não era uma qualquer, era uma mulher, guerreira e trabalhadora, que apesar de tudo lutava com toda a sua força para se manter em pé, para dar e espalhar amor, por isso, não seria o pedido dela para me esquecer ou o surgimento de alguém que me iriam fazer separar.

Mais nenhuma outra pessoa me dizia nada e por mais que saísse à noite com o Diogo (o meu melhor amigo), não adiantava de nada existir uma ou duas raparigas a atirar-se a mim, lá no fundo até preferia assim, afastar-me e deixá-las a pensar que a minha orientação sexual seria diferente do pensamento delas.

O meu coração é da Inês e será sempre, mesmo que a doença a esteja a matar, mesmo que os cabelos lhe caiam, mesmo que a tenha de a ir ver a uma cama de um hospital, eu prefiro assim, tê-la por perto e continuar a dar-lhe amor, do que simplesmente descartar e seguir em frente com a minha vida.

Ninguém perceberá a dor que estamos a sentir, ninguém saberá dos nossos desafios

diários ou das nossas batalhas, nem sequer imaginam o quanto dói dizer tudo isto a uma psicóloga e vê-la quase a chorar enquanto dizia que não merecíamos. Somos demasiado novos para lidar com a morte, demasiado novos para sofrer com esta intensidade toda, mas foi isto que ele escolheu para nós e se não surgíssemos no caminho de um do outro, certamente que nem este livro estaria a ser lido por ti.

É uma história complicada, mas ainda acredito que a terei de volta, que terei aqueles beijos, aqueles abraços, acredito que irei conhecer os seus pais, porque no fundo tudo o que lhes quero dizer é que somos uma família e que estarei a apoiar caso fosse aceite por eles. Podem julgar, podem dizer o que quiserem, mas sou um pouco à moda antiga, prefiro falar com eles e pedir permissão para poder cuidar da filha do que viver escondido como se nada tivesse acontecido.

Amo-te e irei amar-te sempre.